

A Concepção de Docência dos Alunos do Curso de Pedagogia do CAC - UFG: identidade negada?

MOURA, Juçara Gomes de; **NASCIMENTO**, Selma Soares do;

Palavras-chave;

Docência, alunos, formação de professores.

1. Justificativa/ Base Teórica

No Brasil na década de 30, Anísio Teixeira defendia a formação de professores, para todos os níveis de ensino, em nível superior. A universidade idealizada por ele, nesse período, previa a formação de profissionais, cujo currículo envolvia a pesquisa e estágio/docência nos graus específicos de atuação. Esse ideal só veio a se concretizar na década de 80, pois no final da década de 30, nas décadas de 60 e 70 o Estado brasileiro teve governos autoritários que negavam a participação da maioria da população em projetos significativos para com o rompimento da cultura elitista de escola. Na década de 80, o movimento dos educadores inclui, nas pautas de reivindicações junto ao Ministério da Educação, a necessidade de transformação da concepção de formação do educador. Reinvidicava-se que a base da formação desse profissional deve ser a docência e que o pedagogo teria como campo de atuação a escola de primeira fase do Ensino Fundamental. Com isso, diferentes universidades reorganizaram seus currículos do curso de pedagogia habilitando o pedagogo para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Na década de 90, a nova ordem mundial, política e econômica transforma a realidade dos países “ em desenvolvimento”. Aumenta o número de pobres, eleva-se o índice de desemprego, os salários dos trabalhadores, especificamente da educação, tornam-se ínfimos para a sobrevivência. Mudanças no mundo do trabalho exigem um trabalhador que tenha competência para acompanhar os avanços da tecnologia. Leis, documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação básica são publicados com o intuito de modificar as práticas educativas. Discursos, produções teóricas revelam a necessidade da formação continuada dos professores em busca da melhoria do ensino, pois pesquisas demonstram o alto índice de analfabetos funcionais que freqüentam as escolas públicas.

“Em contraponto, quase nada tem sido feito no Brasil quanto à qualidade da formação e a carreira dos docentes para ajudar a reverter o quadro, que sabemos dramático, do nível educacional da população em geral. E, o mais grave é que a profissão de professor tem se mostrado cada vez menos atraente para camadas importantes de nossa juventude, tanto pelas condições de ensino dos cursos em si, como pelas condições em que seu exercício se dá, passando pelos aspectos salariais e de prestígio social. Os pesquisadores que têm tratado da questão, não de hoje, sentem-se como verdadeiros “João Batista” pregando no deserto” (GATTI, 2000 p.04).

Frente a esses dados como pensar a formação do profissional professor? Que pensam os alunos do curso de pedagogia sobre sua futura profissão? Como eles percebem a relação trabalho/ensino noturno?- educação diferenciada, ou seja, o aparecimento da escola se dá com advento da sociedade de classes. A classe dominante passa a ter uma educação escolar e povo se educava no próprio processo de trabalho. A palavra escola vem do grego que significa o lugar do ócio. Na Idade Média as atividades que

constituíam a educação da classe dominante traduziam-se através da expressão “ócio com dignidade”. Ocupar o ócio com os estudos significava não precisar trabalhar para suprir as necessidades da existência.

Com a organização do sistema capitalista, a sociedade contratual, baseada nas relações formais, centrada na cidade e na indústria, redireciona o significado social da escola. Reivindica-se escola para todos, o conhecimento se converte, através da indústria em potência material, e sociedade baseada na sociedade e na indústria, se a cidade é algo construído traz consigo a necessidade da generalização da escrita.

Ainda de acordo com Saviani, a escola, nas últimas décadas vive uma contradição. Ao mesmo tempo em que se reivindica a necessidade da escolarização na faixa etária de zero a seis anos ela se amplia, mas se esvazia ao mesmo tempo, pois se atribui a ela uma série de atividades que acabam descaracterizando-a. O conteúdo sistematizado é relegado a plano secundário. Pesquisas revelam que o tempo de atividades tal como datas comemorativas se sobrepõem ao ato de ensinar, instruir.

Diante desses aspectos o que pensam os alunos do curso de pedagogia do CAC/UFG? Pesquisas realizadas em cursos superiores noturnos apontam a necessidade de aprofundamento de estudos sobre a formação de profissionais nesses cursos. Ao pesquisar esse universo Castanho aponta que a grande maioria dos alunos que freqüentam um curso noturno trabalha e,

“A análise global revela que o excessivo tempo dedicado ao trabalho aparece como uma grande dificuldade para a dedicação aos estudos. Do mesmo modo, o estudo noturno aparece como um sacrifício a ser enfrentado (a conclusão do curso representa para a maioria um alívio), não revertendo em uma compreensão teórico-científica da própria experiência de trabalho. Os dados mostram que nem ao menos se percebe articulação no nível imediato do mundo do trabalho e da faculdade” (1989, p. 89)

Com essas questões postas para a reflexão sobre a formação docente justifica-se a necessidade de pensar, aprofundar sobre elas porque no CAC/UFG o curso de pedagogia é noturno, atende alunos trabalhadores que buscam, com a sua formação, exercer uma profissão que lhes possibilitarão romper com a situação de exploração vivida nas fábricas, no comércio etc.

E nos últimos anos o curso de pedagogia do Campus de Catalão tem recebido alunos com um alto grau de desinformação sobre a profissão professor. É comum ouvir em sala de aula expressões como: “não quero ser professor, estou aqui por falta de opção”. Às vezes o descaso com o curso se manifesta também em frases escritas no quadro-giz: “Não é pedagogo e sim pedabobo”.

Essas manifestações provocam inquietações. O que está ocorrendo? O que esses alunos esperam da sua formação? Como eles compreendem a profissão professor? Que aspectos estão relacionados a esse descaso com a profissão? É descaso, desconhecimento ou descrença?

2. OBJETIVOS

O que se pretende nessa pesquisa é analisar a concepção sobre a profissão professor dos alunos do 2º e 8º períodos do curso de pedagogia do CAC/UFG, ano 2006, buscando fundamentos para estas, tendo em vista contribuir com conhecimentos na área da formação de professores.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e um estudo de caso, pois busca analisar a concepção da profissão professor de um grupo específico de uma instituição específica: alunos do curso de pedagogia do CAC/UFG. Os instrumentos de coleta de dados

consistem em entrevista gravada semi-estruturada com os alunos do 2º e 8º períodos do curso em questão. Isso devido à possibilidade de comparação de um grupo que no “senso comum” ainda não teve contato com leituras que fazem reflexões sobre o trabalho, especificamente pedagógico, e outro grupo que concluindo o curso, pode revelar uma “consciência filosófica” sobre a profissão docente.

4. ANALISE DOS DADOS

A pesquisa se encontra em fase de desenvolvimento sendo que foram realizadas leituras e reflexões sobre concepções de docência, e devido às exigências do Comitê de Ética ainda não foram realizadas as entrevistas com os alunos, portanto dispomos de dados parciais.

5. CONCLUSÃO

No Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás é evidente a preocupação com a docência, uma vez que este afirma ser esta a identidade do pedagogo:

“Nesse sentido, o projeto curricular que ora apresentamos reafirma a docência como a base de identidade do pedagogo e propõe-se a formar professores que compreendam as relações entre a educação e sociedade, pensem e realizem a existência humana, pessoal e coletiva, e o trabalho pedagógico com vistas à transformação da realidade social, à superação dos processos de exploração e dominação, à construção da igualdade, da democracia, da ética e da solidariedade”.

Esperamos com essa pesquisa obter dados que nos possibilite responder se os alunos desse curso do CAC/UFG reafirmam ou negam essa identidade almejada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Joanir Gomes de & ALVES, Neila Guimarães (org.). **Formação de Professores: possibilidades do imprevisível**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CASTANHO Maria Eugênea. **Universidade à Noite. Fim ou começo de jornada?** Campinas, SP: Papirus, 1989.

CUNHA, Maria Isabel (org.). **Formatos Avaliativos e Concepção de Docência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GATTI, Bernadete. **Formação de Professores e Carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando Trajetórias da Professora-Alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SAVIANI, Dermeval. O Trabalho como Principio Educativo frente às Novas Tecnologias. IN: FERRETI, Celso João et al. **Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FONTE DE FINANCIAMENTO: PROLICEN/UFG.

1- Orientadora. Curso de Pedagogia do CAC/UFG. jucaramoura@hotmail.com

2- Bolsista PROLICEN. Curso de Pedagogia do CAC/UFG. ssdon@bol.Com.br